

Desidério Murcho

desiderio@ifac.ufop.br

Universidade Federal de Ouro Preto

Nominalismo



Dois gêneros de nominalismo

- Não existem entidades gerais ou universais
- Não existem entidades abstratas

Nominalismo particularista

- Os termos gerais como “triângulo” limitam-se a referir triângulos particulares
- Os predicados como “ser vermelho” limitam-se a referir particulares vermelhos
- Não existem entidades gerais, como a triangularidade ou a vermelhidão

Nominalistas particularistas

- Guilherme de Ockham (1287-1347).
- Comentário de Boécio (480-525) ao *Isagoge* de Porfírio (233-309)
- Roscelino (1050-1120)
- Pedro Abelardo (1079-1142)
- George Berkeley (1685-1753)
- David Hume (1711-1776)



Desfazer a confusão

GERAL/PARTICULAR

- Universais, entidades “espalhadas” por diversos particulares
- Um **particular** é algo que pode ter propriedades ou atributos, mas não pode ser propriedade ou atributo de coisa alguma

ABSTRATO/CONCRETO

- Uma entidade concreta tem localização espaciotemporal
- As entidades abstratas não têm localização espaciotemporal

Casos paradigmáticos

- **Particulares abstratos:** números, proposições, classes, Formas de Platão
- **Universais abstratos:** brancura, triangularidade

Termos gerais e singulares

- Termos singulares, como “Platão” e “O autor da *República*,” designam particulares
- Termos gerais, como “filósofo” e “livro,” referem vários particulares conjuntamente



Posição nominalista

- “Livro” é um termo geral que designa todos os livros
- Não é uma espécie de termo singular que designe a classe abstrata dos livros
- Se só houver três livros no mundo, não há quatro entidades: os livros mais a classe dos livros

Posição anti-nominalista

- Se só houver três livros no mundo tem mesmo assim de haver uma quarta entidade
- Mas esta quarta entidade não é outro particular
- É o universal ou atributo que os três livros partilham e que fazem deles livros e não crocodilos

Filósofos contemporâneos

ANTI-NOMINALISTAS

- Russell: universais, classes
- Frege: particulares abstratos (sentidos, pensamentos)

NOMINALISTAS

- Goodman: particularista
- Quine: parcialmente concretista
- Teoria dos tropos: D. C. Williams e G. F. Stout
- Hartry Field



Teoria dos tropos

- Há classes: logo, é um nominalismo particularismo mas não concretista
- Cada objeto branco tem uma brancura particular a que se chama **tropo**
- A propriedade da brancura é a classe dos tropos de branco
- Os particulares são agregados de tropos (elimina-se por isso a categoria tradicional da substância)

Duas perguntas diferentes

- Que tipos mais gerais de coisas há?
- Quais são os compromissos ontológicos da nossa melhor ciência?
 - “Ser é ser o valor de uma variável ligada” (Quine)

O pecado filosófico original

- Confundir questões epistemológicas com questões metafísicas
- **Realismo robusto:**
 - Se sabemos que p , segue-se que p (factividade)
 - Falso: se p , então sabemos que p
 - Logo, é falso: se não sabemos que p , então é falso que p (falácia do apelo à ignorância)

Em defesa do *dictum* de Quine

- O único gênero de razões que podemos ter para pensar que algo existe é a indispensabilidade disso para fazer as nossas melhores teorias
- Não existe tudo o que à primeira vista parece existir
- O modo como nos exprimimos pode iludir-nos



Lewis Carroll e o Ninguém

- Diálogo de Lewis Carroll:
“Vês alguém na estrada?”
“Ninguém.”
“Ah, deves ter boa vista para conseguires ver Ninguém a esta distância!”
- “Nada” e “ninguém” não são termos singulares



Dois princípios

- Princípio da parcimônia ou navalha de Ockham
 - Não devemos postular entidades sem necessidade
- *Dictum* de Quine
 - Ser é ser o valor de uma variável ligada

Ontologia e subdeterminação teórica

- Se as teorias são subdeterminadas, então dada qualquer teoria com um dado compromisso ontológico, podemos construir outra teoria com igual poder explicativo mas com outro compromisso ontológico

O que o realista rejeita

- A subdeterminação teórica não indica e ainda menos implica que a realidade seja indeterminada

Ontologia e complexidade

- A simplicidade ontológica paga o preço da maior complicação teórica alhures no sistema

Compromisso ontológico relevante

- As nossas melhores teorias só não precisarão de postular entidades das categorias A e B caso na realidade só existam entidades da categoria A
- As nossas melhores teorias só terão de incluir entidades das categorias A e B caso na realidade existam entidades de ambas as categorias

Princípio conservador

- Só devemos abandonar uma crença pré-teórica quando tivermos fortes razões para isso, razões que
 1. Expliquem a ilusão pré-teórica e
 2. Se baseiem noutras intuições pré-teóricas igualmente fortes



Conseqüência do princípio

- Para aceitar o nominalismo não basta ter teorias nominalistas com o mesmo poder explicativo das teorias anti-nominalistas
- É preciso que essas teorias expliquem pormenorizadamente como se deu a nossa ilusão pré-teórica de que essas entidades existem
- E é preciso que essas teorias se apoiem noutras intuições pré-teóricas



Bertrand Russell

- A filosofia deve mostrar-nos a hierarquia das nossas crenças instintivas, começando com as mais fortes, e apresentando cada uma tão isolada e sem adições irrelevantes quanto possível. Deve procurar mostrar que, na forma em que finalmente se exprimem, as nossas crenças instintivas não colidem, formando antes um sistema harmonioso. **Nunca pode haver razão para rejeitar uma crença instintiva excepto a circunstância de colidir com outras.** (*Os Problemas da Filosofia*, 1912)



Saul Kripke

- É claro que alguns filósofos pensam que ter conteúdo intuitivo é um indício muito inconclusivo a favor do que quer que seja. Pessoalmente, penso que é um indício muito forte a favor de algo. Na verdade não sei, num certo sentido, que outro indício conclusivo se pode ter sobre algo, em última análise. (*Naming and Necessity*, 1970)

